



APRESENTA:



Estudo Reflexivo das
DIMENSÕES
do Espírito Imortal





MÓDULO 2

JUSTIÇA DIVINA E CONSCIÊNCIA

LIBERTANDO-SE DA CULTURA DE
CULPA PELA AÇÃO RESPONSÁVEL



3º ENCONTRO:

**A CULPA E A VISÃO
TEOLÓGICO-
DOG MÁTICA DE
DEUS
3ª PARTE**

Objetivo: refletir sobre a visão teológico-dogmática de Deus e sua relação com o sentimento de culpa, tão presente na sociedade ocidental, e como ressignificar esse modelo pelo desenvolvimento do sentimento de filiação divina e da virtude de aprendiz da Vida.

Meditando sobre a culpa:

Feche os olhos e entre em contato com você mesmo(a) em essência. Como você sente Deus em sua intimidade? Há em você um movimento de sentir temor de Deus? Você sente necessidade de agir sempre certo para agradar a Deus? Sente culpa quando não faz coisas que acha certo? Deixe os seus pensamentos e sentimentos fluírem, evitando qualquer mascaramento num processo de autoengano. Seja verdadeiro(a) com você, analisando-se com autenticidade.

Continuaremos a refletir, neste encontro, alguns exemplos de pessoas que cultuaram a visão teológico-dogmática e se preencheram de culpa e remorso.

O primeiro caso extraído do livro Ação e Reação de André Luiz psicografia de Chico Xavier, Editora Feb.

“Pobre mulher prorrompeu em choro convulso, junto de nós, cortando a palavra de nosso amigo.

“De punhos cerrados, reclamava a infeliz:

“- Quem me libertará de Satã? Quem me livrará do poder das trevas? Santos anjos, socorrei-me! Socorrei-me contra o temível Belfegor!...

“Silas convocou-nos ao amparo magnético imediato.

“Enfermeiros presentes acorreram, solícitos, impedindo o agravamento da crise.

“- Maldito! Maldito!... - repetia a demente, persignando-se.

“Invocando o socorro divino, através da oração, procurei anular-lhe os movimentos desordenados, adormecendo-a pouco a pouco.

“Asserenado o ambiente, convidou-nos Silas a sondar-lhe a mente conturbada, agora sob o império de profunda hipnose.

“Busquei pesquisar-lhe a desarmonia em rápido processo de análise mental, e verifiquei, espantado, que a pobre amiga era portadora de **pensamentos horripilantes.**

“Como que a se lhe enraizar no cérebro, via escapar-lhe do campo íntimo a figura animalesca de um homem agigantado, de longa cauda, com a fisionomia de um caprino degenerado, exibindo pés em forma de garras e ostentando dois chifres, sentado numa cadeira tosca, qual se vivesse em perfeita simbiose com a infortunada criatura, em mútua imanização.

“Diante da minha pergunta silenciosa, o Assistente informou:

“- É um **clichê mental, criado e nutrido por ela mesma**. As ideias macabras da magia aviltante, quais sejam as da bruxaria e do **demonismo** que as igrejas denominadas cristãs propagam, a pretexto de combatê-los, mantendo crendices e superstições, ao preço de conjurações e exorcismos, geram imagens como esta, a se difundirem **nos cérebros fracos e desprevenidos, estabelecendo epidemias de pavor alucinatório**.

“As Inteligências desencarnadas, entregues à perversão, valem-se desses quadros mal contornados que a literatura feiticista ou a **pregação invigilante distribuem na Terra, a mancheias**, e imprimem-lhes **temporária vitalidade**, assim como um artista do lápis se aproveita dos debuxos de uma criança, tomando-os por base dos desenhos seguros com que passa a impressionar o ânimo infantil.

“O esclarecimento se me deparava como oportuna chave para a solução de muitos enigmas, no capítulo da obsessão, em que os doentes **começam atormentando a si mesmos e acabam atormentados por seres que se afinam com o desequilíbrio que lhes é próprio.**

“Hilário, que observava atentamente o duelo íntimo entre a enferma prostrada e a forma-pensamento que se lhe superpunha à cabeça, falou comovido:

“- Lembro-me de haver manuseado, há muitos anos, na Terra, um livro da autoria de Collin de Plancy, aprovado pelo arcebispo de Paris, trazendo a **descrição minuciosa de diversos demônios**, e creio haver visto uma figura gravada nessa obra, semelhante à que temos sob nossa direta observação.

“Silas adiantou, confirmando:

“- Isso mesmo. É o **demônio Belfegor**, segundo as anotações de Jean Weier, que **imprevidentes autoridades da Igreja permitiram se espalhasse nos círculos católicos**. Conhecemos o livro a que se refere. Tem criado **empecilhos tremendos a milhares de criaturas que inadvertidamente acolhem tais símbolos de Satanás, oferecendo-os a Espíritos bestializados que os aproveitam para formar terríveis processos de fascinação e possessão**.

“Refletia quanto ao problema dos moldes mentais na vida de cada um de nós, quando o Assistente, certo me surpreendendo a indagação, acentuou bem-humorado:

“- Aqui, é fácil reconhecer que **cada coração edifica o inferno em que se aprisiona**, de acordo com as **próprias obras**. Assim, temos conosco os diabos que desejamos, segundo o figurino escolhido ou modelado por nós mesmos.”

Agora estudemos um caso relatado na obra *Nosso Lar* de André Luiz, capítulo *Com os recém-chegados do Umbral*:

“Estacaram as matilhas de cães ao nosso lado, conduzidas por trabalhadores de pulso firme.

“Daí a minutos, estávamos todos enfrentando os enormes corredores de ingresso às Câmaras de Retificação. Servidores movimentavam-se apressados. Alguns doentes eram levados ao interior, sob amparo forte.

“Não somente Narcisa, Salústio e outros companheiros se lançavam à lide, cheios de amor fraternal, mas também os Samaritanos mobilizavam todas as energias no afã de socorrer. Alguns enfermos portavam-se com humildade e resignação; outros, todavia, reclamavam em altas vozes.

“Atacando igualmente o serviço, notei que uma velhota procurava descer do último carro, com muita dificuldade.

“Observando-me perto, exclamou, espantada:

“- Tenha piedade, meu filho! Ajude-me por amor de Deus!...

“Aproximei-me com interesse.

“- Cruzes! Credo! - continuou benzendo-se - graças à Providência Divina, afastei-me do purgatório... Ah! que malditos demônios lá me torturavam! Que inferno! Mas os Anjos do Senhor sempre chegam.

“Ajudei-a a descer, tomado de extrema curiosidade. Pela primeira vez, ouvia **referências ao inferno e ao purgatório**, partidas de uma boca que me parecia calma e ajuizada. Talvez obedecendo mais à malícia que me era peculiar, interroguei:

“- Vem, assim, de tão longe?”

“Falando desse modo, afetei ares de profundo interesse fraternal, como costumava fazer na Terra, olvidando por completo, naquele instante, as sábias recomendações da mãe de Lísias.

“A pobre criatura, percebendo o meu interesse, começou a explicar-se:

“- De grande distância. Fui, na Terra, meu filho, mulher de muito bons costumes; fiz muita caridade, rezei incessantemente como sincera devota. Mas, quem pode com as artes de Satanás? Ao sair do mundo, vi-me cercada de seres monstruosos, que me arrebataram em verdadeiro torvelinho. A princípio implorei a proteção dos Arcanjos Celestes.

“Os espíritos diabólicos, entretanto, conservaram-me enclausurada. Mas eu não perdia a esperança de ser libertada, de um momento para outro, porque deixei uns **dinheiros para celebração de missas mensais por meu descanso.**

“- Como são interessantes as suas observações! Mas não procurou saber as razões de sua demora naquelas paragens?”

“- Absolutamente não - respondeu, persignando-se. Como lhe disse, enquanto estive na Terra, fiz o possível por ser uma boa religiosa. Sabe o senhor que ninguém está livre de pecar. Meus escravos provocavam rixas e contendas, e embora a fortuna me proporcionasse vida calma, de quando em quando era necessário aplicar disciplinas. Os feitores eram excessivamente escrupulosos e eu não podia hesitar nas ordens de cada dia.

“Não raro algum negro morria no tronco para escarmento geral; outras vezes, era obrigada a vender as mães cativas, separando-as dos filhos, por questões de harmonia doméstica. Nessas ocasiões, sentia morder-me a consciência, mas confessava-me todos os meses, quando o padre Amâncio visitava a fazenda e, depois da comunhão, estava livre dessas faltas veniais, porque, recebendo a absolvição no confessionário e ingerindo a sagrada partícula, estava novamente em dia com todos os meus deveres para com o mundo e com Deus.

“A essa altura, escandalizado com a exposição, comecei a doutrinar:

“- Minha irmã, essa razão de paz espiritual era falsa. Os escravos eram igualmente nossos irmãos. Perante o Pai Eterno, os filhinhos dos servos são iguais aos dos senhores.

“Ouvindo-me, ela bateu o pé autoritariamente e falou, irritada:

“- Isso é que não! Escravo é escravo. Se assim não fora, a religião nos ensinaria o contrário.

“Pois se havia cativos em casa de bispos, quanto mais em nossas fazendas? Quem haveria de plantar a terra, senão eles? E creia que sempre lhes concedi minhas senzalas como verdadeira honra!... Em minha fazenda nunca vieram ao terreiro das visitas, senão para cumprir minhas ordens. Padre Amâncio, nosso virtuoso sacerdote, disse-me na confissão que os africanos são os piores entes do mundo, nascidos exclusivamente para servirem a Deus no cativeiro.

“Pensa, então, que me poderia encher de escrúpulos no trato com essa espécie de criaturas? Não tenha dúvida; os escravos são seres perversos, filhos de Satã! Chego a admirar-me da paciência com que tolerei essa gente na Terra. E devo declarar que saí quase inesperadamente do corpo, por me haver chocado a determinação da Princesa, libertando esses bandidos. Decorreram muitos anos, mas lembro-me perfeitamente.

“Achava-me adoentada, havia muitos dias, e quando padre Amâncio trouxe a nova da cidade, piorei de súbito. Como poderíamos ficar no mundo, vendo esses criminosos em liberdade? Certo, eles desejariam escravizar-nos por sua vez, e a servir a gente dessa laia, não seria melhor morrer? Recordo que me confessei com dificuldade, recebi as palavras de conforto do nosso sacerdote, mas parece que os demônios são também africanos e viviam à espreita, sendo eu obrigada a sofrer-lhes a presença até hoje...”

“- E quando veio? - perguntei.

“- Em maio de 1888.

Experimentei estranha sensação de espanto.

“A interlocutora fixou o olhar embaciado no horizonte e falou:

“- É possível que meus sobrinhos tenham esquecido de pagar as missas; entretanto, deixei a disposição em testamento.”

Agora estudemos um caso relatado na obra *Obreiros da Vida Eterna* de André Luiz, o caso do Padre Domênico:

“—Quimeras! — gritou o infortunado, acusando alguma transformação íntima — fui traído em meu ministério sacerdotal, **negaram-me os direitos prometidos**, fui espezinhado e ferido! Que desejais de mim? Lastimar-me? não necessito da compaixão alheia. Aconselhar-me? impossível.

“Estou cego e atormentado no inferno por deliberado menosprezo das forças divinas que me desampararam totalmente!

“— Domênico — falou-lhe, então, Hipólito, a pedido da orientadora, que lhe fêz silencioso gesto de solicitação, nesse sentido, dando-nos a ideia de que não desejava empregar a própria voz, na conversação que se iniciava —, **não te rebeles contra a determinação da Justiça Divina.**

“— Justiça? — replicou ele, vibrando de emotividade — e não tenho fome do direito? Não possuía eu prerrogativas no apostolado? Não fui sacerdote fiel à crença? Há muitos anos padeço nas trevas e ninguém se lembrou de fazer-me justiça.

“— Acalma-te! — disse o nosso companheiro com voz firme — **a consciência é juiz de cada um de nós. Possivelmente envergaste a batina fiel à crença, mas desleal ao dever.**

“Temos conosco alguém com bastante poder de penetração nos escaninhos de tua vida mental. Espera! Vamos orar em silêncio para que a bênção do Senhor se faça sentir em teu coração e, em seguida, passaremos a auxiliarte para que releias, com a serenidade precisa, o livro de tuas próprias ações, compreendendo a longa permanência nos despenhadeiros fatais.

“O infeliz emudeceu por momentos e, tomados do forte desejo de auxílio, endereçamos fervorosa súplica à Esfera Superior, rogando lenitivo para o sofredor e bastante luz para a nossa irmã Luciana, a fim de que pudesse ver aquela consciência culpada com a eficiência precisa.

“A enfermeira clarividente, evidenciando carinho fraterno, aproximou-se do infeliz e, depois de fitar-lhe a fronte demoradamente, começou:

— **Padre Domênico, vossa mente revela o passado distante e esse pretérito fala muito alto diante de Deus e dos irmãos em humanidade! Duvidais da Providência Divina, alegais que o vosso ministério não foi devidamente remunerado com a salvação e imprecais contra o Pai de Misericórdia Infinita... Vossa dor permanece repleta de blasfêmia e desespero, proclamais que as Forças Celestes vos abandonaram ao tenebroso fundo do abismo!...**

“— E, porventura, não é assim? — gritou o desventurado, interrompendo-a — compelido pelas circunstâncias da vida humana a servir numa igreja que me enganou, negam-me o direito de reclamar? O Evangelho não tem palavras de mel para o ato de Judas. Deverei, por minha vez, louvar os que me traíram?”

“— Não, Domênico. Vossos amigos não cogitam de criticar instituições. Desejam tão somente amparar-vos. Não concordais no vosso desvio da conduta cristã? Teríeis, de fato, agido como sacerdote **fiel aos sagrados princípios esposados**? Esperaríeis um paraíso de vantagens imediatas, para cá dos túmulos, tão **só pelas insígnias exteriores que vos diferenciaram dos outros homens**? Não ponderastes a extensão das responsabilidades desassumidas?

“— Oh! que perguntas! — exclamou o interpelado, com indisfarçável azedume — a **organização religiosa a que servi prometeu-me honras definitivas. Não era eu diretor de grande coletividade social? Não ministrava o Santíssimo Sacramento? Não fui recomendado ao Céu?...**

“Apesar de tais protestos, o padre Domênico já acusava sinais de transformação íntima. Fizera-se-lhe a voz mais triste, denunciando capitulação próxima. O fato de ele nos sentir de mais perto, através da audição, facilitava-nos a atuação magnética de auxílio.

“Ao término de suas interrogações reticenciosas, Luciana observou:

“— As igrejas, meu amigo, são sempre elevadas e belas. Consubstanciam, invariavelmente o roteiro de nosso encontro divino com o Pai de Infinito Amor. Ensinam a **bondade universal, o perdão das faltas, a solidariedade comum**. Mas, e os nossos crimes, fraquezas e defecções? Em geral, todos nós, filiados a correntes várias do pensamento religioso na Terra, **exigimos que se nos faça justiça**, esquecidos, contudo, de que as **noções de justiça envolvem a existência da Lei**.

“E como ludibriar a Lei, soberana e inalterável, embora compassiva em suas manifestações? Não concordais que é absurdo reclamar determinado procedimento dos outros, esperando para o nosso “eu” tirânico e desequilibrado as compensações somente devidas aos observadores das regras de purificação, das quais não passamos de meros expositores no campo do ensinamento?”

“- Oh! oh! e a confissão? — tornou Domênico, visivelmente impressionado com as palavras ouvidas — Monsenhor Pardini **ouviu-me, antes da morte, e absolveu-me...**

“— E confiastes em semelhante medida? Vosso colega de sacerdócio poderia induzir-vos ao bom ânimo e à coragem necessária ao serviço de reparação futura, mas não conseguiria **subtrair-vos à consciência os negros resultados mentais dos atos praticados. Vosso coração, padre, é um livro aberto aos nossos olhos. Envolvido nas trevas, injuriais o nome de Deus e sua justiça; no entanto, a viva descrição de vossas reminiscências são bastante expressivas...**

“— Vejo-vos a derradeira noite na existência carnal. Acompanho-vos em noite fria, sob fortes rajadas do vento de céu sem lua. Desviastes o passo de centro populoso e enveredais por estrada sombria de recanto suburbano. Não somente vos observo a forma física. Sinto-vos igualmente o estado emocional. Empolgado pela visão embriagante dos sentidos, penetram um lar honesto, cego por sentimento menos respeitoso para com alguém que vos ouviu, inadvertidamente, as palavras finas de sedução e malícia.

“Alijastes a batina escura, como quem despe incômoda capa. Envergais agora, na intimidade de pequeno salão verde, perfumado costume de casimira cinza-claro. Absorvida por vossas referências gentis, que apenas traduzem propósitos de sensação, distantes de qualquer sentimento edificante, certa mulher cede às vossas promessas. Alguém, todavia, demora-se espreitando-vos. É um homem que se certifica da ocorrência e afasta-se, alucinado, sem que lhe identificásseis a presença. Trata-se do esposo ofendido, em dolorosa crise passional.

“Distancia-se, a caminho da pequena cidade próxima, tomado de dor selvagem. Penetra grande empório de bebidas e adquire um litro de vinho antigo, por alto preço. Afasta-se, angustiado, e, oculto à sombra de árvores acolhedoras, adiciona ao conteúdo do frasco pequena porção de substância venenosa, fulminante. Em seguida, espera-vos, de longe, acariciando a ideia do assassinio. Noite alta, regressais ao presbitério; e o adversário, como quem volta de ligeira viagem, saúda-vos, agradavelmente, com dissimuladas demonstrações de estima e confiança.

“Paira o convite ao vinho reconfortante na madrugada gélida e abris a porta da residência paroquial. Entrais calmo. Na tepidez do interior doméstico, à frente de vasta mesa bem servida, experimentais, honrado, o vinho velho misturado a veneno destruidor. Não tivestes tempo para explicações. Ante vossos gemidos furiosos e roucos, entre esgares de sofrimento, o assassino ri-se e pronuncia aos vossos ouvidos feias palavras de maldição.

“Quando a respiração se fez mais opressa, o homicida pediu socorro às dependências da casa, depois de inutilizar a prova do crime, ante vossos olhos assombrados. Precipitam-se, em vão, os servidores. Velho eclesiástico aproxima-se, no intuito de ouvir-vos. Deve ser o Monsenhor Pardini, de vossas referências. Compreendendo-vos a dificuldade para manter qualquer conversação, interroga o criminoso, que se declara vosso amigo íntimo e esclarece, fingidamente, que regressava em vossa companhia do próprio lar, onde havíeis entretido confortadora e longa palestra, junto a ele e à esposa, demorando-se aí por insistência dos dois.

“O criminoso, revelando piedade irônica, assegura que vos acompanhara à casa paroquial, em vista da noite alta e que demandara o interior a vosso convite, para reconfortar-se e que, em plena palestra amistosa, caístes fulminado por síncope singular. Debalde, intentais esclarecimento. Vossa destra levanta-se e o indicador aponta o criminoso. Monsenhor Pardíni aproxima-se - O homicida toma-vos a mão quase inerte e exclama: — “É preciso salvar o padre Domênico! Minha esposa e eu não nos conformaríamos com semelhante perda!”

“O eclesiástico que vos assiste permanece sob forte emoção. Supõe ser o vingador o companheiro desvelado da vítima e inicia o serviço dos moribundos. Endereçais supremo olhar de impassível desespero ao adversário e compreendeis o próximo fim do corpo. Esfriam-se-vos os membros. Viscoso suor vos corre, abundante, do rosto, e, num esforço tremendo, pronunciais, de maneira quase ininteligível, uma frase: — “Eu, pecador, me... confesso. . .” O religioso que vos acompanha, porém, fecha-vos os lábios, no intuito de poupar-vos e assevera: — “Domênico, descansa em paz!

“Ao sacerdote reto, não se faz necessária a confissão, no alento derradeiro; ainda hoje, ministras-te a sagrada partícula! Pede a Deus por nós, no Céu!” Em seguida, concede-vos plena **absolvição de todos os pecados da existência humana**, tratando-vos a personalidade espiritual cheio de santa confiança. **A palavra do colega, porém, perturba-vos a consciência**. No fundo, sabeis que a **morte vos surpreende em doloroso abismo**. Em vão, tentais receber a paz que Monsenhor Pardini vos deseja; debalde procurais desviar o olhar do envenenador que vos segue, mordaz. Vossas mãos tombam inertes.

“O religioso amigo segura o crucifixo que não sentis. Vossos olhos param na contemplação da última cena. Abre-se a porta da alcova espaçosa e alguns servos ajoelham-se, em pranto. Não distante, um sino toca fúnebre aviso. Amanhece. Entretanto, semi-inconsciente, fustigado pela dor e pela desesperação, não vos vejo desfrutando as claridades do novo dia que surge. Cá fora, há círios acesos e atitudes respeitadas dos paroquianos que se multiplicam.

“Visitando-vos os despojos, após o laudo médico de bondoso facultativo que, intimamente, vos crê suicida, fornecendo, porém, explicações da “causa mortis”, como sendo fulminante ataque de angina, a fim de evitar escândalos e perturbações no círculo sempre venerável da religião. Há pessoas que choram sinceramente e ouço comentários elogiosos ao vosso pastorejo sacerdotal. **Dentro de vós, todavia, prevalece imensa noite.** Gritais como o cego, ao abandono, no primeiro instante de cegueira inesperada. Porém, ninguém vos ouve.

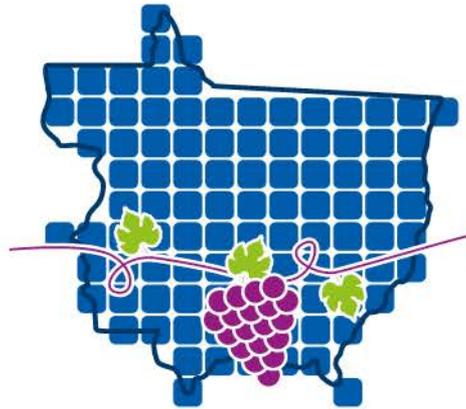
“Relacionais o crime de que fostes vítima, rogais providências contra o matador, mas os ouvidos humanos, agora, permanecem noutras dimensões. Buscais o recurso de fugir, mas **invencíveis grilhões vos ligam ao cadáver**. Ao crepúsculo, processa-se o enterramento. Abre-se o templo suntuosamente ornamentado com flores roxas. Cânticos tristes evolam-se do coro e toda a nave cheira a incenso. Com grande pompa em todas as minudências das exéquias, vosso corpo desce ao último abrigo. Entretanto, permaneceis ligado às vísceras decompostas...”

Avaliação reflexiva: Feche os olhos e entre em contato com você mesmo(a) em essência, buscando sentir o conteúdo estudado neste encontro:

Do conteúdo, o que você entendeu que se aplique à sua vida?

O conteúdo estudado mudou a forma como você compreende a presença de Deus em sua vida? Em caso positivo, que mudança foi essa?

Neste encontro refletimos sobre a visão teológico-dogmática de Deus e sua íntima relação com o sentimento de culpa, tão presente na cultura ocidental, bem como o que fazer para mudar essa concepção. Que ações você está disposto a realizar para firmar a concepção espírita de Deus, de modo a sentir-se filho de Deus, aprendiz da Vida?



FEEMT

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO
ESTADO DE MATO GROSSO